

Turismo Crítico

Mozart Fazito¹

Resumo: Na virada do milênio, houve uma ‘guinada crítica’ nos estudos de turismo, cujo objetivo era produzir conhecimento que não fosse focado apenas em economia e negócios, que então dominavam a produção acadêmica na área. Com o nome de Turismo Crítico – *critical tourism* –, essa nova escola foi fortemente influenciada por teorias de discurso e pós-estruturalismo, gerando uma hegemonia cultural em seus estudos. Apesar da enorme importância desses estudos para a pesquisa em turismo, a escola crítica de turismo foi criticada exatamente pelo foco em discurso e representação, por seu relativismo tornar-se incongruente com as bases da teoria crítica da Escola de Frankfurt e, de um ponto de vista mais prático, por negligenciar as relações de poder econômico e político que afetam o fenômeno turístico. Entretanto, é exatamente no estudo dessas relações de poder que pós-estruturalismo e materialismo se sobrepõem. Esse artigo defende que a chave para entender as relações de poder que moldam o desenvolvimento do turismo está na análise de discursos. Os pesquisadores que abraçaram a causa do turismo crítico dizem que depois de se discutir necessárias metodologias inovadoras de pesquisa na área, o momento é de melhorar a produção teórica.

Palavras-chave: turismo crítico . teoria crítica . pós-estruturalismo . análise de discurso . relações de poder

¹ Doutorando do programa em Desenvolvimento Sustentável da Escola de Geografia, Planejamento e Política Ambiental da UCD – University College Dublin (<http://www.ucd.ie/gpep/staff/mrmozartrezendefilho/>). Contato: mozart.fazito@gmail.com

Introdução

Quando Franklin e Crang lançaram a revista acadêmica *Tourist Studies*, eles buscavam criar um espaço para a produção de conhecimento que desafiasse as abordagens velhas, cansadas, repetitivas e sem vida, que dominavam os estudos de turismo até então (Franklin & Crang, 2001). Para Hannam e Knox (2010), essas abordagens são também perigosas, já que sugerem, de forma enganosa, respostas simples para perguntas difíceis e, algumas vezes, simplesmente não são capazes de fazer as perguntas mais acertadas. Franklin e Crang propuseram um desafio às perspectivas voltadas puramente à economia do turismo, e que negligenciavam os aspectos sociais e culturais do fenômeno turístico. Nas suas palavras,

“Há necessidade de uma revista acadêmica que ofereça uma plataforma para o desenvolvimento de perspectivas críticas acerca da natureza do turismo como um fenômeno social” (Franklin & Crang, 2001, p. 6).²

De fato, a virada do ano 2000 marcou o momento em que uma ‘guinada crítica’ emergiu nos estudos de turismo. Ateljevic et al. (2007) refere-se a essa guinada como uma ‘revolução silenciosa’, que engendrou vagarosamente entre os pesquisadores sociais para criticar o discurso positivista e um compromisso acrítico com empiricismo, quantificação, neutralidade, objetividade, distância, validade e confiabilidade (Pritchard & Morgan, 2007) e o viés produtivista (Urry, 1990), que dominavam a pesquisa em turismo. Essa linha de raciocínio também serve de base para o clamor de Phillimore e Goodson’s (2004) para abordagens mais sofisticadas de pesquisa qualitativa em turismo.

Para Bianchi (2009), pesquisadores que desejam engajar-se na análise crítica de turismo devem se emancipar da obediência cega e desumana às aplicações de estudos de negócios, que estão institucionalizadas na produção de conhecimento em turismo. Aitchison (2006) inclusive

² Tradução livre

separa 'estudos de turismo' (com bases sociais e culturais) de 'gestão do turismo' (fundado na economia) como dois campos de pesquisa diferentes.

O aprofundamento da discussão sobre o pensamento crítico em turismo requer considerações acerca de sua fundação teórica e da forma como ele tem sido aplicado na literatura acadêmica.

Base teórica e Principais Características do Turismo Crítico

A guinada crítica no estudo do turismo leva a análise para a escola de teoria crítica de Frankfurt (Chambers, 2007; Tribe, 2007). Numa abordagem geral da teoria crítica, Boaventura de Sousa Santos (1999, p. 31) observa a importância do diálogo entre pesquisador e o contexto de sua pesquisa a partir do trabalho de Horkheimer, intelectual pioneiro da Escola de Frankfurt:

“Teoria crítica moderna é, sobretudo, uma teoria fundada epistemologicamente na necessidade de suplantando o dualismo burguês entre o cientista como um autônomo produtor de conhecimento e a totalidade da atividade social que o circunda.”³

Para Tribe (2007), as qualidades fundamentais da teoria crítica são sua preocupação com a análise de relações de poder e ter como principal objetivo um interesse em emancipação. Uma abordagem crítica de turismo busca entender de quem são os interesses mais aceitos, o que expõe o exercício do poder e a influência da ideologia num contexto de pesquisa, com o objetivo de desenvolver idéias de utopia e de uma vida melhor em turismo. Chambers (2007) adiciona que as principais características da pesquisa que se baseia na teoria crítica são: ser interdisciplinar (reconhece a riqueza de se trabalhar transcendendo disciplinas diferentes), ser reflexiva (é ciosa das suas funções na sociedade), ser crítica (desafia os padrões existentes de poder e verdade que moldam a sociedade moderna) e dialética (há sempre interesses opostos – tensões – na sociedade que são necessárias para gerar mudanças sociais).

³ Tradução livre

No que diz respeito às tensões, Santos (1999) acredita que a irracionalidade das sociedades modernas deve-se ao fato de que a sociedade é o produto de um desejo particular, o desejo do capitalismo, e não de um desejo mais amplo – resultado da unificação de consciências pessoais. A aceitação crítica de categorias que regem a vida em sociedade contém, simultaneamente, sua condenação. O pensamento crítico na sociedade é, portanto, sempre cheio de tensões.

“A identificação (...) dos homens de mente crítica com a sua sociedade é marcada por tensões, e essas tensões fundamentam todos os conceitos da forma crítica de pensar” (Horkheimer, 2002, p. 208).⁴

Tribe (2007) descreve cinco áreas em que tensões (dicotomias entre regras – fatores que inibem a criticidade – e resistência – fatores que encorajam a pesquisa crítica) acontecem, e em que criticidade em turismo pode ser identificada: 1) Paradigmas e permeabilidade (quando é rejeitada a idéia de um paradigma amplo que limita o estudo do turismo); 2) Ideologia e independência (ideologias que influenciam a pesquisa em turismo – por exemplo o capitalismo ocidental e consumismo – são desafiadas, gerando a independência da pesquisa e dos pesquisadores em turismo); 3) Discurso e resistência (a resistência aos discursos hegemônicos que dominam o estudo do turismo como forma de dar a ele maior capacidade crítica); 4) Disciplina e indisciplina (disciplinas quase sempre negligenciam criticidade no estudo do turismo e, portanto, devem ser enfrentadas, mas ao mesmo tempo não se deve negar que algumas disciplinas fornecem subsídios à sustentação crítica); e 5) Tradições e dissidências (tradições podem empobrecer a pesquisa em turismo e, portanto, turismo crítico abre espaço para atitudes dissidentes em relação a elas, o que pode ser ilustrado pela importância das redes informais para uma abordagem *bottom-up* de pesquisa crítica em turismo).

Tendo em mente as fundações teóricas e as características do turismo crítico, acima descritas, é interessante que se entenda como ela tem influenciado a pesquisa em turismo.

⁴ Tradução livre

Aplicação da Teoria Crítica de Turismo na Literatura Especializada

Ateljevic et al (2007) observa que a guinada crítica nos estudos de turismo se engajou com questões de identidade, diferença, o corpo, gênero e teorias pós-estruturais de linguagem e subjetividade. A guinada crítica emerge da guinada cultural das ciências humanas e sociais. O turismo crítico foi influenciado, primordialmente, pela geografia cultural (Aitchison, 2006), onde a cultura emerge como um domínio em que interpretações e significações políticas e econômicas são contestadas (Jackson, 1989).

Chambers (2007) estudou o uso do termo em inglês *'critical'* e outras terminologias relacionadas em artigos publicados nas duas principais revistas acadêmicas de turismo: *Annals of Tourism Research* e *Tourism Management*. Ela concluiu que a maioria dos autores utilizava o termo para referir-se a análise, comentário, avaliação; alguma coisa importante, essencial (principalmente em abordagens de negócios); no sentido de 'busca de falhas'; e, finalmente, referindo-se a um novo paradigma do estudo de turismo – o turismo crítico. Os poucos artigos encontrados por ela que referem-se ao turismo crítico focam, principalmente, no pós-colonialismo, questões do corpo – *embodiment* – e representações de imagens e semiótica. De fato, as guinadas crítica e cultural em turismo são quase indistinguíveis. Nesse sentido, Aitchison (2005, 2006) e Ateljevic et al. (2007) reconhecem a proeminência da teoria pós-estrutural no turismo crítico, que merece uma melhor explicação.

Para Escobar (1996), a abordagem pós-estruturalista foca no papel do discurso na construção da realidade social. Para os pós-estruturalistas, há diferentes dimensões da verdade, dependendo de realidades, lugares, condições socioeconômicas e características culturais distintas. Para Peet e Watts (1996, pp. 13–14), o pós-estruturalismo preocupa-se com a relação entre conhecimento e poder, instituições e regimes de 'verdade' e diferenças culturais. Eles observam:

“A fascinação do pós-estruturalismo com discurso tem sua origem na rejeição dos conceitos modernos de verdade. Na visão pós-estruturalista, (...) verdades são afirmações que emergem a partir de discursos socialmente construídos, e não de ‘fatos’ objetivos sobre a realidade”.⁵

O uso de discurso sugere uma compreensão foucaultiana de que discursos não são só palavras, mas ações; não é apenas dizer alguma coisa, mas fazer alguma coisa, dentro de um contexto histórico e político. Para Dreyfus e Rabinow (1982, p. xxii), a contribuição de Foucault para a pesquisa social está em sua elevada sofisticação metodológica e na ênfase no corpo como o lugar onde as menores práticas sociais se relacionam com as mais abrangentes organizações de poder. Foucault buscava entender as interações e interdependências entre pequenas práticas, técnicas e mecanismos em que se baseiam as relações de poder⁶. Nas suas palavras:

“Quando eu penso nos mecanismos de poder, eu me refiro à sua forma capilar de existência, na forma como ele se infiltra nas menores partículas dos indivíduos, toma seus corpos, permeia seus gestos, sua postura, o que eles dizem, como eles aprendem a viver e trabalhar com outras pessoas” (em uma entrevista citada em Sheridan, 1980, p. 217).⁷

O resultado dessa guinada cultural/crítica no estudo do turismo pode ser visto, por exemplo, no número de publicações relacionadas a questões de representação e pós-colonialismo, fundadas no livro *Orientalism* (Said, 2003). O argumento central desse livro é que as representações o ocidente faz do oriente, como ‘exótico’, ‘o outro’, são consideravelmente diferentes da realidade do oriente. Said argumenta que ‘orientalismo’ precisa ser entendido como a disciplina sistemática com qual a cultura européia foi capaz de dominar – e até mesmo – criar o oriente.

Representação, na literatura de turismo crítico, pode ser visto em Echtner e Prasad (2003): uma análise dos mitos criados pelo ocidente para representar os ‘outros’; em Yan and Santos

⁵ Tradução livre

⁶ Para a influência de Foucault no estudo do turismo, ver Cheong & Miller, 2000; Hollinshead, 1999, 2008; Tribe, 2007

⁷ Tradução livre

(2009): um artigo mostrando como a influência ocidental molda a forma como o oriente representa a si mesmo, uma forma de auto-orientalismo; ou ainda em Salazar (2006), avaliando como discursos globais de turismo são reproduzidos no destino turístico por fornecedores de serviços; além de muitos outros (ver Ateljevic & Doorne, 2002; Buzinde & Santos, 2008; Hunter, 2008; Markwell & Waitt, 2009; Pritchard & Morgan, 2001).

A guinada crítica em turismo também produziu artigos sobre ‘corpo’ e *embodiment* (Andrews, 2005; Crouch & Desforges, 2003; e.g. Veijola & Jokinen, 1994), ‘performance’ (ver Edensor, 2000, 2001), ‘questões de gênero’ (e.g. Aitchison, 2001, 2005), ‘mercantilização – *commodification* – e identidade’ (Ateljevic & Doorne, 2003), reflexividade e estudos auto etnográficos (Ateljevic et al, 2005; Botterill, 2007; Harris et al, 2007) que mostram a supracitada proeminência de elementos culturais. Um tratamento discursivo das relações de poder num contexto de desenvolvimento turístico foi deixado de lado, salvo poucas exceções (ver Bramwell, 2006; Markwick, 2000). Essa e outras críticas emergiram na literatura especializada em relação à produção acadêmica em turismo crítico.

Principais Críticas à Produção Acadêmica do Turismo Crítico e Suas Respostas

Apesar da importante contribuição para a área, o turismo crítico tem sofrido críticas que se referem, principalmente, a essa proeminência de elementos culturais. Para Chambers (2007), o uso predominante de teorias pós-modernas, pós-estruturalistas e pós-colonialistas em turismo crítico é teoricamente inconsistente com a teoria crítica. Para explicar sua crítica, ela resume os fundamentos teóricos da teoria crítica em termos de epistemologia (é subjetiva, já que rejeita noções positivistas de objetividade, o que pressupõe distância entre pesquisador e objeto de pesquisa), ontologia (reconhece que uma realidade existe, mas não pode ser totalmente compreendida, diferente da abordagem de multi realidade – relativista – defendida pelos teóricos pós-estruturalistas) e metodologia (é marcada pela auto-reflexão crítica, emancipação, empoderamento – *empowerment* – e uma compreensão dialética da realidade social. Para ela, a

principal crítica que pode ser feita ao turismo crítico é por ele ter se engajado com pós-estruturalismo, o que difere da teoria crítica em sua ontologia – na idéia de realismo crítico oposta ao relativismo.

Para Bianchi (2009), a hegemonia dos estudos de discurso e representação na literatura de turismo crítico fez com que os pesquisadores esquecessem o lado político-econômico do turismo. Ele argumenta:

“No exato momento em que forças econômicas e políticas começam a promover um liberalismo econômico agressivo no turismo, a ‘guinada crítica’ aparenta ter recuado a uma preocupação com discurso e representação, deixando o estudo das relações de poder econômico e político no turismo para aqueles que abraçam de coração a globalização neoliberal e o mercado livre” (Bianchi, 2009, p. 493).⁸

Essa opinião é partilhada com Williams et al. (2004), que também adverte para o perigo da ‘hegemonia cultural’ no estudo de turismo crítico, negligenciando a dimensão materialista do fenômeno turístico. Porém, os pós-estruturalistas argumentam que, à partir de uma perspectiva foucaultiana, não é possível que haja uma análise materialista que não seja, ao mesmo tempo, uma análise discursiva (Escobar, 1995). Para Jacobs (1999), é o nosso entendimento da realidade material que é construído de forma discursiva, e a linguagem é o elemento crucial para entender como percebemos o mundo. Assim sendo, há áreas em que materialismo e pós-estruturalismo se sobrepõem um ao outro. Aitchison (2005) refere-se a essas áreas como o ‘vínculo sociocultural’ do estudo de turismo – *social-cultural nexus*.

O estudo de discursos contribui para a análise materialista exatamente onde o materialismo não consegue explicar: questões de poder e conflito (e.g. Flyvbjerg, 1998, 2002; Hajer, 1995; Rydin, 2003). O próprio Bianchi (2009) reconhece que há questões cruciais que não podem ser respondidas sem uma análise minuciosa das articulações entre forças estruturais, discurso e atuação em turismo.

⁸ Tradução livre

Conclusão

Chambers (2007) montou uma agenda para o estudo de turismo crítico, que inclui a identificação de conflitos, uma análise profunda desses conflitos e a auto-reflexão crítica, por parte do pesquisador, das próprias pressuposições paradigmáticas e atuação na produção de conhecimento em turismo.

O turismo crítico deve ter como objetivo principal resistir a todas as formas de opressão. A análise de discursos é chave para se entender as relações de poder que em que se baseiam os conflitos. O turismo crítico precisa se independer de rótulos e paradigmas teóricos tradicionais para conseguir atingir esses objetivos. Ateljevic et al. (2007, p. 3) resume como o turismo crítico deve ser definido:

“Para ser rotulado como um pesquisador crítico, há uma tendência de se associar exclusivamente à Escola de Frankfurt, que se fundamenta fortemente na teoria Marxista e suas explicações dos processos sociais. Entretanto, nossa compreensão da teoria crítica do turismo é a de que é muito mais do que uma simples ‘forma de saber’, uma ontologia, é uma ‘forma de ser’, um compromisso com a pesquisa em turismo que seja pró justiça social e igualdade, e anti-opressão: é uma academia da esperança”.⁹

Após alguns anos se discutindo metodologias de pesquisa que fossem inovadoras o bastante para contribuir para a produção de conhecimento na escola crítica de turismo, em um artigo recente, Prichard et al (2011) reconhecem os avanços nesse sentido, mas clamam pela construção de teorias mais ricas na área de turismo crítico, o que deve acontecer nos próximos anos.

⁹ Tradução livre

Referências Bibliográficas

- Aitchison, C. (2001). Theorizing Other Discourses of Tourism, Gender and Culture: can the subaltern speak (in tourism)? *Tourist Studies*, 1(2), 133–147.
- Aitchison, C. (2005). Feminist and Gender Perspective in Tourism Studies: the social-cultural nexus of critical and cultural theories. *Leisure Studies*, (5), 207–224.
- Aitchison, C. (2006). The Critical and Cultural: explaining the divergent paths of leisure studies and tourism studies. *Leisure Studies*, 25(4), 417–422.
- Andrews, H. (2005). Feeling at Home: embodying Britishness in a Spanish charter tourist resort. *Tourist Studies*, 5(3), 247–266.
- Ateljevic, I., & Doorne, S. (2002). Representing New Zealand. *Annals of Tourism Research*, 29(3), 648–667.
- Ateljevic, I., & Doorne, S. (2003). Culture, Economy and Tourism Commodities: social relations of production and consumption. *Tourist Studies*, 3(2), 123–141.
- Ateljevic, I., Harris, C., Wilson, E., & Collins, F. (2005). Getting “Entangled”: reflexivity and the “critical turn” in tourism studies. *Tourism Recreation Research*, 30(2), 5–18.
- Ateljevic, I., Morgan, N., & Pritchard, A. (2007). Editors’ Introduction: Promoting an Academy of Hope in Tourism Enquiry. In I. Ateljevic, A. Prichard, & N. Morgan (Eds.), *The critical turn in tourism studies: innovative research methods* (pp. 1–8). Amsterdam: Elsevier.
- Bianchi, R. (2009). The “Critical Turn” in Tourism Studies: a radical critique. *Tourism Geographies*, 11(4), 484–504.
- Botterill, D. (2007). A Realist Critique of the Situated Voice in Tourism Studies. In I. Ateljevic, A. Prichard, & N. Morgan (Eds.), *The critical turn in tourism studies: innovative research methods* (pp. 121–129). Amsterdam: Elsevier.
- Bramwell, B. (2006). Actors, Power, and Discourse of Growth Limits. *Annals of Tourism Research*, 33(4), 957–978.
- Buzinde, C., & Santos, C. (2008). Representations of Slavery. *Annals of Tourism Research*, 35(2), 469–488.
- Chambers, D. (2007). Interrogating the “Critical” in Critical Approaches to Tourism Research. In I. Ateljevic, A. Prichard, & N. Morgan (Eds.), *The critical turn in tourism studies: innovative research methods* (pp. 105–119). Amsterdam: Elsevier.
- Cheong, S., & Miller, M. (2000). Power and Tourism: a Foucauldian observation. *Annals of Tourism Research*, 27(2), 371–390.
- Crouch, D., & Desforjes, L. (2003). The Sensuous in the Tourist Encounter: Introduction: the power of the body in tourist studies. *Tourist Studies*, 3(1), 5–22.
- Dreyfus, H. L., & Rabinow, P. (1982). *Michel Foucault: beyond structuralism and hermeneutics*. Brighton: Harvester.
- Echtner, C., & Prasad, P. (2003). The Context of Third World Tourism Marketing. *Annals of Tourism Research*, 30(3), 660–682.

- Edensor, T. (2000). Staging Tourism: tourists as performers. *Annals of Tourism Research*, 27(2), 322–344.
- Edensor, T. (2001). Performing Tourism, Staging Tourism: (re)producing tourist space and practice. *Tourist Studies*, 1(1), 59–81.
- Escobar, A. (1995). *Encountering Development: the making and unmaking of the third world*. Princeton: Princeton University Press.
- Escobar, A. (1996). Constructing Nature: elements for a poststructural political ecology. In R. Peet & M. Watts (Eds.), *Liberation Ecologies*. London: Routledge.
- Flyvbjerg, B. (1998). *Rationality and power: democracy in practice*. Morality and society. Chicago; London: University of Chicago Press.
- Flyvbjerg, B. (2002). Bringing Power to Planning: one researcher's story. In A. Thornley & Y. Rydin (Eds.), *Planning in the Global Era*. Hampshire: Ashgate Publishing, Ltd.
- Franklin, A., & Crang, M. (2001). The Trouble with Tourism and Travel Theory. *Tourist Studies*, 1(1), 5–22.
- Hajer, M. A. (1995). *The politics of environmental discourse: ecological modernization and the policy process*. Oxford: Oxford University Press, c.
- Hannam, K., & Knox, D. (2010). *Understanding tourism: a critical introduction*. Los Angeles; London: SAGE.
- Harris, C., Wilson, E., & Ateljevic, I. (2007). Structural Entanglements and the Strategy of Audiencing as a Reflexive Technique. In I. Ateljevic, A. Prichard, & N. Morgan (Eds.), *The critical turn in tourism studies: innovative research methods* (pp. 41–56). Amsterdam: Elsevier.
- Hollinshead, K. (1999). Surveillance of the Worlds of Tourism: Foucault and the eye-of-power. *Tourism Management*, 20, 7–23.
- Hollinshead, K. (2008). Policing the World through Tourism: Foucault and you, the tourism-judge. Presented at the CAUTHE 2008 Conference, Gold Coast.
- Horkheimer, M. (2002). *Critical theory: Selected Essays*. New York: Continuum.
- Hunter, W. (2008). A Typology of Photographic Representations for Tourism: depictions of groomed spaces. *Tourism Management*, 29, 354–365.
- Jackson, P. (1989). *Maps of meaning: an introduction to cultural geography*. London: Unwin Hyman.
- Jacobs, K. (1999). Key Themes and Future Prospects: conclusion to the special issue. *Urban Studies*, 36(1), 203–213.
- Markwell, K., & Waitt, G. (2009). Festivals, Space and Sexuality: gay pride in Australia. *Tourism Geographies*, 11(2), 143–168.
- Markwick, M. (2000). Golf Tourism Development, Stakeholders, Differing Discourses and Alternative Agendas: the case of Malta. *Tourism Management*, 21, 515–524.
- Peet, R., & Watts, M. (1996). *Liberation Ecologies*. London: Routledge.
- Phillimore, J., & Goodson, L. (2004). *Qualitative research in tourism: ontologies, epistemologies and methodologies*. London; New York: Routledge.
- Prichard, A., Morgan, N., & Ateljevic, I. (2011). Hopeful Tourism: a new transformative perspective. *Annals of Tourism Research*, 38(3), 941–963.

- Pritchard, A., & Morgan, N. (2001). Culture, Identity and Tourism Representation: marketing Cymru or Wales? *Tourism Management*, 22, 167–179.
- Pritchard, A., & Morgan, N. (2007). De-centring Tourism's Intellectual Universe, or Traversing the Dialogue Between Change and Tradition. In I. Ateljevic, A. Prichard, & N. Morgan (Eds.), *The critical turn in tourism studies: innovative research methods* (pp. 11–28). Amsterdam: Elsevier.
- Rydin, Y. (2003). *Conflict, consensus, and rationality in environmental planning: an institutional discourse approach*. Oxford geographical and environmental studies. Oxford: Oxford University Press.
- Said, E. (2003). *Orientalism*. London: Penguin Books.
- Salazar, N. (2006). Touristifying Tanzania: local guides, global discourse. *Annals of Tourism Research*, 33(3), 833–852.
- Santos, B. (1999). On Oppositional Modernism. In R. Munck & D. O'Hearn (Eds.), *Critical Development Theory: contributions to a new paradigm* (pp. 29–43). New York: Zed Books.
- Sheridan, A. (1980). *Michel Foucault: the will to truth*. London: Tavistock.
- Tribe, J. (2007). Critical Tourism: rules and resistance. In I. Ateljevic, A. Prichard, & N. Morgan (Eds.), *The critical turn in tourism studies: innovative research methods* (pp. 29–39). Amsterdam: Elsevier.
- Urry, J. (1990). *The Tourist gaze: leisure and travel in contemporary societies*. Theory, culture and society. London: Sage.
- Veijola, S., & Jokinen, E. (1994). The Body in Tourism. *Theory, Culture & Society*, 11(3), 125–151. doi:10.1177/026327694011003006
- Williams, A., Hall, C., & Lew, A. (2004). Contemporary Themes and Challenges in Tourism Research. In A. Lew, C. M. Hall, & A. Williams (Eds.), *A Companion to Tourism* (pp. 611–618). Malden: Blackwell.
- Yan, G., & Santos, C. (2009). "China, Forever": tourism discourse and self-orientalism. *Annals of Tourism Research*, 36(2), 295–315.